

MEDITAÇÃO 32ª Semana – Sexta-feira

No evangelho de hoje Jesus constata, com sofrimento a dificuldade, às vezes quase incapacidade, que nós temos de O reconhecer e, conseqüentemente, de O acolher. Ele sofre sempre que nos vê baralhados no caminho, atrapalhados, indecisos, ou a percorrer caminhos que não nos levam a Ele...

Esta dificuldade em reconhecer a presença de Deus na nossa vida é uma constante da nossa história, do caminho que todos percorremos de descoberta da Vida.

Mas é ainda mais gritante quando o que está em causa já não é apenas o reconhecimento daquela voz íntima com que Deus fala a todos os homens, que são imagem e semelhança sua, e se exprime nas aspirações e sonhos mais profundos do coração humano.

Ou nem mesmo a revelação explícita de Deus que se foi fazendo próximo de nós através do povo que Ele escolheu e dos muitos sinais com que interviu na história para salvar esse mesmo povo e, através dele, chegar a todos os homens.

Não.

O que está aqui em causa é o reconhecimento do próprio Deus que Se fez homem em Jesus Cristo!

Esta dificuldade em reconhecer Deus é própria da nossa condição humana, é própria de gente que está a crescer, a construir-se, e que, por isso, se cansa, erra, pára, quase desiste, se engana no caminho....

Manifesta-se não só nos extremos (quando a vida que viemos nos proporciona momentos de grande beleza e bondade ou quando a vida nos confronta com situações particularmente duras de grande sofrimento) mas também no meio termo de uma vida corrida, entretida com o imediato, sem grandes altos e baixos.

A vida, só por si, é suficientemente bela e grandiosa para nos deixar entusiasmados e quase sem palavras diante de tanta descoberta bonita que vamos fazendo e vivendo. Quando isso acontece, não temos olhos para outras coisa.

A não ser quando a vida nos surpreende com novidades insuspeitadas que nos fazem dizer cá dentro de nós *“isto é que é”*, um pouco à semelhança da criança que vai descobrindo brinquedos novos que a fazem esquecer os outros que momentos antes eram tudo para ela...

Mas a vida também traz sempre consigo cansaços, desilusões, sofrimentos.

E nessa altura, instintivamente, fechamo-nos sobre nós, também não temos olhos para mais nada, e demora tempo a que as coisas passem e, saindo de nós, na relação com os outros, reencontrarmos a alegria de viver...

No meio termo está uma vida sem muitos altos e baixos, a que nos vamos acostumando rotineiramente, às vezes engolidos pela correria e pela pressa de tanta coisa que acontece fora de nós e não nos deixa espaço para cultivar o nosso íntimo, onde se joga o que somos de verdade, a felicidade e a alegria que, uma vez encontradas, nada nem ninguém nos pode tirar...

O que é que todas estas maneiras de passar pela vida têm em comum?

O facto de vivermos focados apenas no presente, ao ritmo do imediato.

E a consequência é viver a vida à superfície (mesmo que essa superfície seja muitas vezes particularmente intensa e estimulante), sem mergulhar fundo no coração da Vida, no seu mistério!

Jesus ilustra isso com dois acontecimentos da História da Salvação, o tempo de Noé e o tempo de Lot: *“Comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento... compravam e vendiam, plantavam e construíam”*.

Mas, como o povo costuma dizer, *“a verdade vem sempre ao de cima”* ...

Jesus refere isso relativamente aos dois acontecimentos passados: não deram por nada até que *“veio o dilúvio, que os fez perecer a todos”*, ou no caso de Lot, *“Deus mandou do céu uma chuva de fogo e enxofre que os fez perecer a todos”*.

Qual é a verdade que aqui vem ao de cima: 2 acontecimentos naturais, o dilúvio e uma chuva de fogo e enxofre (fenómeno vulcânico?), que a Bíblia atribui directamente a Deus, como é próprio da maneira de pensar da época, mas que no fundo sublinham o carácter precário da nossa existência.

O dilúvio e a chuva de fogo e enxofre são situações que nos fazem perceber o carácter passageiro e efémero desta existência que todos conhecemos.

E a grande contradição é vivemos como se tivéssemos aqui morada permanente.

Mas não temos!

Vivemos como se a vida fosse só esta existência terrena que conhecemos.

Mas não é!

“Nos dias do Filho do homem”, o dia do termo da nossa vida, mas já os dias de hoje, no nosso presente, quando confrontados com a nossa verdade de gente que é de Deus e para Deus, sempre que mergulhamos hoje no fundo do nosso coração e nos perguntamos pelo sentido do que somos, ou quando a vida nos obriga a isso,

confrontando-nos com o termo da nossa existência, havemos de perceber isso com toda a clareza.

Havemos então de descobrir cada vez mais, hoje na nossa história, e de maneira definitiva no termo da nossa vida, a plenitude da Vida, a Vida em abundância que Jesus nos veio trazer.

Nesse dia só teremos olhos para o essencial, que é estar com Deus: *“Nesse dia, quem estiver no terraço e tiver coisas em casa não desça para as tirar; e quem estiver no campo não volte atrás”*.

É a descoberta de que não há vida digna desse nome fora de Deus, a descoberta de que Ele é tudo e tudo se resolve n’Ele, que nos faz ser diferentes, que nos faz passar pela vida percebendo-a como uma trampolim para Deus, referenciando tudo o que vivemos a Ele, tanto o que de bom como de mal nos acontece.

A diferença não está tanto no que fazemos mas no sentido que Lhe damos, no que isso significa para nós: *“Eu vos digo que, nessa noite, estarão dois num leito: um será tomado e o outro deixado; estarão duas mulheres a moer juntamente: uma será tomada e a outra deixada”*

Podemos perguntar como os discípulos: *“Senhor, onde será isto?”*

A resposta é simples: na vida de cada um de nós.

“Onde estiver o corpo, aí se juntarão os abutres”.

Percebemos que tudo é dom de Deus e tudo o que fazemos é para Ele?